

# Apesar da Internet, amplia-se o aperfeiçoamento formal

*Multiplicam-se no exterior os programas de jornalismo científico*

No artigo *Como a Internet está mudando o jornalismo científico*, publicado no *HMS Beagle*, com data de 3 de setembro último, David Whitehouse, editor de ciência do *BBC News Online*, considera com impecável ironia britânica que, atualmente, para ser um jornalista científico passável, basta ter meia dúzia de marcadores de página em seu *browser* na Web. “São eles EurekaAlert – que é, obviamente, o principal lugar, na Internet, para jornalistas de ciência; *HMS Beagle*, é claro; o *site* de divulgação de *Nature*; e o *site* europeu Alpha Galileo. Acrescentem-se a eles algumas ligações para o Departamento de Saúde do Reino Unido e pronto: você é um jornalista de ciência de altos vãos.”

Embora Whitehouse tenha flagrado com seu olho crítico um viés real da atual cobertura jornalística de ciência, mantêm-se no mundo inteiro, ou pelo menos nos países mais desenvolvidos, possibilidades de formação especializada de profissionais que trabalham ou pretendem trabalhar com difusão de informações de ciência e tecnologia. Entre dezenas de programas de aperfeiçoamento em jornalismo científico espalhados pelos Estados Unidos e Europa, pode-se citar, por exemplo, o famoso *Knight Science Journalism Fellowship*, iniciado em 1983 e pelo qual passaram até hoje 162 jornalistas.

O programa propõe aos candidatos passar um ano acadêmico (nove meses, de setembro a maio) no MIT, o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, em Cambridge. Destina-se principalmente a jornalistas com experiência mínima de três anos na cobertura de ciência, tecnologia, medicina ou meio ambiente, para o público em geral, mas jornalistas que trabalham há pelo menos cinco anos com outros temas e desejam mudar para a área de C&T também são aceitos. As bolsas, de US\$ 35 mil, são concedidas somente a norte-americanos. Os estrangeiros devem custear suas despesas, que, segundo advertência dos responsáveis pelo *Knight*, são altas mesmo para padrões norte-americanos. Um pequeno apartamento para uma pessoa em Cambridge custa cerca de mil dólares mensais.

O programa do MIT, segundo os termos de sua divulgação na Internet, pretende atingir também jornalistas veteranos. “Aqueles com muito mais tempo de experiência são altamente incentivados a se candidatar.” As bolsas do *Knight* são oferecidas para repórteres, escritores, editores, produtores, ilustradores e fotógrafos. Os solicitantes podem ser

“O programa de bolsas do MIT busca jornalistas experientes, *free-lancers* ou empregados”

empregados contratados ou *free-lancers*, ligados a jornais, serviços eletrônicos, revistas, rádio, televisão, produção de textos de livros ou textos na Web. Não estão qualificados profissionais cujo emprego principal é de “relações públicas” ou “informação pública” para qualquer cliente.

No caso de empregados contratados, normalmente eles são licenciados pelo empregador para se dedicar integralmente ao programa. E a maioria dos empregadores complementa as bolsas, pagando a diferença em relação ao salário normal do jornalista. Em troca, eles têm o direito de pedir aos bolsistas que voltem e permaneçam pelo menos um ano no emprego após a bolsa.

A seleção dos bolsistas é feita por um conselho de jornalistas e destacados cientistas do corpo docente do MIT. No ano passado foram recebidos 43 pedidos e na avaliação sobram 12 finalistas.

**Investigação na Internet** – Com paciência para navegar na Internet, pode-se descobrir os detalhes de muitos outros programas de aperfeiçoamento em jornalismo científico. Há, por exemplo, o mestrado oferecido pela Universidade de Boston (ver <http://www.bu.edu>), que também é voltado para jornalistas que trabalham com informações de ciência, tecnologia, meio ambiente e saúde para o grande público. O Centro de Jornalismo Científico da Universidade de Missouri (<http://science.jour.missouri.edu>), fundado em 1987, oferece cursos e *workshops* nas mesmas áreas. A Universidade da Califórnia, em Santa Cruz (<http://www.ucsc.edu>), tem também, desde 1982, um programa de pós-graduação em jornalismo científico.

Do outro lado do Atlântico, a *British Association* (<http://britassoc.org.uk>) preocupa-se mais em mostrar aos cientistas como a mídia trabalha (programa *Media Fellowships*) do que em formar jornalistas para a cobertura de ciência. De qualquer sorte, é possível procurar no *site* iniciativas que sejam de maior interesse dos jornalistas. Já a Universidade de Salamanca, na Espanha, tem um respeitado mestrado em Cultura e Comunicação em Ciência e Tecnologia (<http://cts.usal.es>), voltado para jornalistas e outros profissionais. Sem cair na caricatura esboçada por Whitehouse, é recomendável aos jornalistas científicos algumas pesquisas, inclusive sobre a formação de jornalistas, na Internet.